

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ANTE-ESTREIAS

14 de Março de 2025

GLAUBER, CLARO - O FILME

(80', documentário, 4K, cor/pb, 1.185, som 5.1, Brasil, 2020)

GLAUBER, CLARO é um regresso quase meio século depois na Roma de Glauber Rocha, e do seu exílio italiano compondo um patchwork através da memória de seus amigos, colaboradores, e fazendo uma revisitação contemporânea das locações romanas de seu penúltimo longa-metragem CLARO.

Glauber nos seus anos de exílio, entre 1970 e 1976, frequentou a Itália por períodos curtos e outros mais longos, onde conheceu amigos solidários, concluiu filmes como Câncer e História do Brasil, escreveu e desenvolveu diversos projetos como Der Leone have Sept cabeças, La caduta degli Dei. Em 1975, em Roma, filmou CLARO (35mm, 110', Itália), com Juliet Berto, Carmelo Bene, El Cachorro, Bettina Best, Tony Scott e Mackay Taylor, produzido por Marco Tamburella. Glauber sobre o filme declara: "Quero ver claro as contradições do berço mitológico da civilização ocidental. Quero fazer uma visão brasileira de Roma, ou melhor, um testemunho do colonizado na terra da colonização".

GLAUBER, CLARO investiga a experiência de Rocha e de toda uma geração de criativos na Itália dos anos 70, abordando temas em vários extratos que se sobrepõe: os bastidores de Claro e sua relevância histórica, o cinema underground, neorealismo, cinema novo, os anos 70, a militância política, a utopia, pós-colonialismo, a revolução, traçando um inevitável paralelo entre a Itália do século XX e do mundo de hoje, entre a utopia dos anos setenta e a distopia atual. Entre revisitações e imagens de arquivo inéditas se destacam as reverberações ainda vivas do ser humano Glauber Rocha na vida e na memória de todos os entrevistados, colaboradores, amigos fraternos, atores, produtores, técnicos, críticos de cinema, históricos de arte, luta, amores. Uma lembrança e um sentimento incrivelmente presente, mesmo com o passar do tempo inexorável e o transmutar dos corpos. No decorrer da sua carreira Glauber Rocha apoiou uma ideia cada vez mais radical, experimental, inusitada de fazer cinema enquanto o mundo tomava um rumo completamente oposto. Ele, porém, percebeu isso com amargura tarde demais, na apresentação de "A Idade da Terra" no Festival de Cinema de Veneza de 1980. Um ano antes de sua morte prematura aos 42 anos.

Glauber nos deixa um forte legado, elogiado pela cinematografia internacional, esquecido no contexto brasileiro atual, onde a falta de memória e a revisão histórica se tornou uma prática recorrente. O que nos resta da lição de um dos mais importantes diretores latino-americanos de nosso século? De seu cinema polêmico, imaginativo, visionário? Uma rua, uma escola, um cinema, um aeroporto onde políticos inescrupulosos façam comícios populistas sem sequer citar seu nome, ou saber da sua importância na cultura mundial?

GLAUBER, CLARO, nos deixa claro que Rocha era um cineasta que tinha uma perspectiva diferente das coisas, que enxergava muito além do seu tempo. Sua cinematografia merece ser lembrada e episódios importantes não devem ser esquecidos. Glauber Rocha ajudou o cinema a avançar. Porque apenas as pessoas que são apaixonadas e loucas o suficiente para acreditar que podem mudar o mundo, são aquelas que realmente conseguem fazê-lo.

NOTA DO REALIZADOR – CESAR MENEGHETTI

Desde o meu ingresso no CSC - Centro Sperimentale di Cinematografia de Roma fui marcado pela figura de Glauber. Um dos entrevistadores, que iria selecionar 54 alunos em meio a 2000 candidatos, me perguntou sobre a linguagem do filme "Deus e o diabo na terra do sol". Eu estava lendo e vendo todos os filmes de Glauber há mais de 7 anos. A minha explicação foi tão convincente que fui selecionado em quarto lugar. Mais tarde, soube que este entrevistador era Roberto Perpignani, o montador - entre

outros - do “Último tango em Paris”, que até falava um pouco de português e que fez um último corte com Glauber no “Deus e o diabo na terra do sol”, antes deste seguir para o Festival de Cannes em 1964. Quando estudante achei num sótão da biblioteca do CSC alguns roteiros originais raros, batidos à máquina, em cópia carbono, entre eles, “Roma” de Fellini, “Crônica de um amor” de Antonioni e “Der Leone Have Sept Cabeças” de Glauber e Gianni Amico. Vi dois dos seus filmes, em cópias originais de “Der Leone Have Sept Cabeças” e de “Claro” numa moviola da Cineteca Nazionale italiana. Logo depois de terminada a escola de cinema, o CSC, comecei a trabalhar na indústria cinematográfica italiana, em Cinecittà, como assistente de direção e montagem. Toda vez que falava que era brasileiro encontrava alguém que me falava que conheceu Glauber Rocha, que trabalhou com ele ou que encontrou com ele escondido no banheiro do Festival de Cannes, fumando calmamente (porque Glauber supostamente não queria super expor a sua imagem em público). Quando anos depois, visitei o Tempo Glauber no Rio, fui informado por um pesquisador da UFRJ e pela mãe de Glauber, Dona Lúcia Rocha (responsável pela instituição), que este roteiro do filme “O Leão de Sete Cabeças” não constava do arquivo do Tempo Glauber. Enviei da Itália uma cópia do roteiro e prometi fazer um documentário sobre Glauber na Itália. Os anos passaram e as coincidências aumentaram, morei na Itália mais de 22 anos, morei também em Londres e Berlim, fiz outros filmes, documentários exibidos em Festivais como Veneza e Locarno. Fiz também mostras de arte e trabalhos na África, Ásia, Brasil e Europa, mas este filme documentário dos anos italianos de Glauber nunca me saiu da cabeça. Creio que Glauber antecipou o homem no mundo globalizado, a questão do artista nômade ou da arte nômade, e graças a seu esforço individual abriu sozinho uma brecha aos “colonizados do terceiro mundo”, autorizando-os a fazer “um depoimento do colonizado sobre a terra da colonização” no hermético velho continente. Os meus 27 anos de vivência no exterior me transformaram e me moldaram em um ser humano diferente, o movimento no tempo e no espaço ampliaram e “clarearam” a minha percepção, e neste meu exílio voluntário pude entender profundamente as palavras escritas sobre o exílio por Glauber e o “sentimento do mundo” gerado pelo nomadismo: “Às vezes eu me sinto absolutamente feliz em uma solidão infinita.”.

FICHA TECNICA

Argumento e direção: CÉSAR MENEGHETTI Produção: RENATO CIASCA, BETO BRANT
Produção executiva: RENATO CIASCA Montagem: WILLEM DIAS Direção de fotografia:
EUGENIO BARCELLONI Música: ANDRÉ WHOONG E BENOÎT PIOULARD
Som direto: LEONARDO MAGARA Montagem de som: PEDRO NOISYMAN
Direção de produção: ROBERTA CANEPA Pesquisa e direção de Arte: CÉSAR
MENEGHETTI

Colaboração na pesquisa: ROBERTA CANEPA (Itália) JULIANA GOMES ROCHA, PEDRO
PAULO LIMA ROCHA (Brasil)

Com ADRIANO APRÀ, BETTINA BEST WINDELSCHIMDT, BRUNO TORRI, DAVIDE
MAGARA, ETTORRE ROSBOCH, FIORELLA GIOVANELLI AMICO, GAIA CERIANA
FRANCHETTI, GISELA GETTY, GIORGIO GINORI, ITALO MOSCATI, LUIZ MARIA “EL
CACHORRO” OLMEDO, MARCO BELLOCCHIO, MARIO GIANNI, MARCO GIUSTI, MIMMA
NOCELLI, PIA CANDINAS, ROBERTO PERPIGNANI, ROBERTO SILVESTRI, SIMONETTA
LUX e SILVANO AGOSTI.

Em arquivo GLAUBER ROCHA, JULIET BERTO, BERNARDO BERTOLUCCI, GIANNI
AMICO, MARCO TAMBURELLA, CARMELO BENE, MACKAY TAYLOR, JIRGES RISTUM,
TONY SCOTT, CRISTIANA TULLIO ALTAN, SYLVIE PIERRE, GIANNI BARCELLONI,
METKA KOSAK, LOUIS VALDON, FRANCESCO SERRAO, YVONNE TAYLOR, MOUNE
JANET, ANNA CARINI, PIER PAOLO PASOLINI.s